

Professores criticam o atual modelo de recuperação escolar

Para eles, o processo não tem valor pedagógico da maneira como é aplicado

ROSA LUIZA BAPTISTELLA

Educadores consideram o atual modelo de recuperação escolar artificial e precário. Para eles, o processo deveria ser contínuo e não se restringir às últimas semanas do ano letivo, com o único objetivo de oferecer ao aluno uma nova oportunidade de alcançar média e ser promovido. Com esta fórmula, a recuperação nada recupera no sentido pedagógico, acreditam.

“É um faz-de-conta”, afirma o professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Vítor Paro. “Trata-se de um desengano de consciência da escola, que cobra caro e precisa prestar conta aos pais”, complementa o diretor executivo do Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro), Celso Napolitano. O presidente do Sinpro, Luiz Antonio Barbagli, arremata: “Em uma ou duas semanas, os alunos não conseguem assimilar conceitos que não aprenderam em um ano.”

A recuperação é apenas um dos aspectos no modelo pedagógico brasileiro que precisa ser conceitualmente reformulado, conforme concluíram mais de 200 especialistas em educação da rede particular reunidos em São Paulo na semana passada. Eles participaram do seminário sobre o assunto, promovido pelo Sinpro com apoio do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo (Sieeesp).

Barbagli calcula que, em uma sala com 40 alunos, a média dos que precisam da recuperação chega a 30% no final do ano. Paro acha que as escolas estão dando pouca formação aos estudantes. “A escola não leva em conta que tem obrigação de ensi-

Edu Garcia/AE



Napolitano: tempo e salário

nar”, critica. “Transforma meios, como a avaliação, em fim.” De acordo com raciocínio, o conceito de que a escola particular oferece ensino de melhor qualidade que a pública não passa de mentira. “Os professores da escola pública têm de se adaptar à clientela, não há qualquer seleção”, explica.

Na escola particular, diz, a seleção é perversa. “O aluno que não consegue acompanhar o ensino na escola A, mais cara, pode ir para a B, mais barata”, exemplifica. “Esta seleção é precedida pela financeira.” Vítor Paro não critica os valores cobrados pelas instituições. “A educação é um produto caro e tem de ser assim mesmo”, acha. “Mas a qualidade precisa ser correspondente.” Para

ele, os atuais métodos de avaliação e recuperação acabam por eximir as escolas de responsabilidades.

O diretor do Sieeesp, Fábio Cascinos, garante que a escola particular está preocupada em reformular o processo de recuperação e avaliação. “Implica em rever profundamente a educação como um todo”, afirma.

Os professores aceitam que a recuperação só vai funcionar quando for adotada durante todo o ano e for orientada pelo próprio titular da disciplina. “A escola tem de começar a enxergar o professor sem o giz na mão”, sugere Celso Napolitano. “O professor precisa de tempo e salário para poder se dedicar integralmente aos alunos.”

Prova — A par da recuperação, a prova — ou avaliação — é um dos maiores exemplos do cotidiano conservador da escola, na opinião do psicopedagogo Paulo Afonso Caruso Ronca. Em seu livro *A prova operatória*, escrito em parceria com a educadora Cleide do Amaral Terzi, Ronca destaca que a prova é vista como cobrança e transforma-se quase sem exceção no centro da vida da comunidade escolar. “O aluno só estuda se tiver prova, para a prova, se cair na prova e o que cair na prova”, enfatiza.

Esse tipo de avaliação não cria disciplina e organização intelectual ou acadêmica, pois subsiste em clima de pressões e ameaças. Com a prova, analisa Ronca, a nota passa a ser uma obsessão de profes-

sores e alunos porque é o símbolo do estudo ou do esforço. “O processo de avaliação é meramente burocrático”, concorda o professor Paro. “A criança vai à escola para tirar nota; a prova é a síndrome do fracasso.”

PARO:
“ESCOLA PÚBLICA
NÃO É PIOR QUE
PARTICULAR”